Laura Bellini



Tempo Emprestado para o Amor

A partida tem data marcada.
O que existe entre eles precisa de um plano.

Tempo Emprestado para o Amor

A partida tem data marcada. O que existe entre eles precisa de um plano.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902936

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Coisas que Não Podem Ser Empacotadas 12
Capítulo 2 - Limites Traçados a Lápis 23
Capítulo 3 - Quando o Papel Começa a Falar 36
Capítulo 4 - Fora do Expediente..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 60
Capítulo 6 - A Distância de um Passo 70
Capítulo 7 - Entre o Que Sabemos e o Que Não Dizemos..... 83
Capítulo 8 - Entre Pessoas que Ficam..... 93
Capítulo 9 - O Preço da Preservação 104
Capítulo 10 - Sem Promessas de Aparência..... 115
Capítulo 11 - Espaço para Outra Pessoa 127
Capítulo 12 - Uma Data Que Não Pode Ser Adiada 140
Capítulo 13 - Quando Acaba o Tempo das Desculpas 150
Capítulo 14 - Uma Verdade Que Nenhum Beijo Pode Suavizar.....160
Capítulo 15 - O Que Não Podemos Prometer 170
Capítulo 16 - O Silêncio Entre Duas Decisões 180
Capítulo 17 - O Que Resta Depois do Silêncio..... 191
Capítulo 18 - Um Plano Que Começa com a Verdade 201
Capítulo 19 - Tudo o Que Vale a Pena Salvar.....212
Capítulo 20 - Não É Preciso Ficar para Estarmos Juntos.....224

INTRO

A primeira coisa que vi ao entrar no antiquário foi um calendário com os dias riscados. Estava pendurado acima de uma escrivaninha antiga, entre uma reprodução da Catedral de Vilnius e uma estante cheia de livros cujas lombadas haviam perdido a cor havia muito tempo. Alguém vinha marcando as datas, uma após a outra, com uma caneta preta de ponta grossa. No último dia do mês, havia um círculo vermelho e, logo abaixo, uma única palavra: FIM.

Eu não gostava de palavras assim. Principalmente quando tinha trabalho suficiente pela frente para precisar de mais um mês.

Deixei minha bolsa de ferramentas sobre uma cadeira e conferi as horas. Havia chegado dez minutos antes do horário combinado. Eu sempre chegava cedo. Aos quarenta e três anos, já havia descoberto que a pontualidade evitava muitas conversas desnecessárias e que um cronograma bem elaborado proporcionava, pelo menos, a ilusão de ter algum controle sobre a realidade.

Naquela manhã, eu precisava especialmente dessa ilusão.

No bolso do casaco, carregava uma proposta de emprego impressa, que havia lido sete vezes na noite anterior. Um contrato de um ano em um ateliê de conservação e restauração em Florença. Um cargo com autonomia, acesso a uma coleção de manuscritos com a qual eu sonhava desde o início da carreira e um salário que me permitiria passar doze meses sem precisar pensar duas vezes antes de cada despesa mais significativa.

Bastava responder até sexta-feira.

Bastava também ir embora.

— Senhora Róg?

A voz veio de trás de uma estante alta. Masculina, grave, com uma leve rouquidão de quem havia conversado por tempo demais ou dormido de menos.

Eu me virei.

Um homem surgiu do corredor estreito carregando duas xícaras de porcelana. Tinha cabelos escuros, grisalhos nas têmporas, as mangas de uma camisa azul dobradas até os antebraços e um olhar que permaneceu sobre mim um pouco mais do que a simples cortesia exigia. Não parecia alguém prestes a pedir desculpas pela desordem. Parecia, antes, um homem convencido de que cada objeto ao seu redor tinha uma razão para estar exatamente onde estava.

— Marianna Róg — confirmei. — O senhor é Borecki?

— Wiktor. Já que vamos passar algumas semanas juntos neste lugar, os sobrenomes podem acabar atrapalhando.

— Para algumas pessoas, eles ajudam a manter uma distância profissional.

Ele sorriu, mas não respondeu imediatamente. Colocou uma das xícaras sobre a escrivaninha e continuou segurando a outra.

— Nesse caso, podemos deixar a escolha em aberto.

Não sabia se estava falando dos nomes ou de alguma coisa completamente diferente. Decidi não investigar.

Observei o ambiente com mais atenção. O antiquário ocupava o térreo de um prédio antigo, numa rua secundária do centro histórico. Pelas janelas altas entrava a luz leitosa de uma manhã de novembro. O ar carregava o cheiro de papel, madeira e café. Havia caixas de papelão encostadas

nas paredes, algumas identificadas, outras abertas. Sobre uma mesa comprida se acumulavam álbuns, gravuras soltas, mapas antigos e pastas amarradas com fitas de tecido.

Eu havia ido até ali para salvar da deterioração tudo o que ainda pudesse ser salvo, preparar a documentação e ajudar o proprietário a organizar a coleção antes da entrega do imóvel. O serviço prometia ser exigente, mas breve. Exatamente o tipo de trabalho de que eu precisava antes de tomar minha decisão sobre Florença.

— Quanto tempo temos até a entrega do imóvel? — perguntei.

— Trinta e um dias.

— E a coleção inteira está aqui?

Wiktor olhou para as estantes.

— Depende do que a senhora entende por inteira.

Suspirei.

— Não é a resposta que uma restauradora gostaria de ouvir no primeiro dia.

— Eu sei. Por isso preparei café.

Ele indicou a xícara. Recusei com um movimento de cabeça, embora o aroma fosse excelente. Tirei meu caderno de anotações da bolsa e comecei a registrar as primeiras observações. Precisava avaliar o estado do acervo, definir prioridades e identificar o que não poderia ser transportado sem a devida proteção.

Wiktor me observou por alguns instantes e então deixou sua própria xícara de lado.

— Antes de começarmos, gostaria de esclarecer uma coisa. Nem tudo o que está aqui pode ser tratado como mercadoria pronta para ser embalada.

Levantei os olhos.

— Meu trabalho não é embalar mercadorias.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Então, por favor, diga exatamente o que quis dizer.

Em vez de responder, ele se aproximou da mesa e desamarrou a fita de uma das pastas. Retirou uma pequena folha de papel, amarelada nas bordas, com um desenho delicado de um pátio em Vilnius. O papel era frágil, com pequenas rachaduras em alguns pontos. No verso, percebi vestígios de uma cola antiga.

— Meu pai comprou este desenho — explicou. — Não pelo valor que tinha. Ele reconheceu o pátio onde brincava quando criança. Durante anos, manteve o desenho perto da escrivaninha.

Estendi a mão, mas parei antes de tocar na folha.

— Posso?

Ele assentiu.

Transferi o desenho para um suporte limpo que retirei da bolsa. Examinei as fibras do papel, as pequenas áreas danificadas e a dobra antiga que atravessava o centro da composição. Não era uma peça de valor excepcional. Ainda assim, poderia sobreviver por outras décadas se alguém lhe desse o tratamento adequado.

— É possível estabilizá-lo — expliquei. — Mas não vou prometer que todas as marcas do tempo desaparecerão.

— Eu não quero que desapareçam.

Olhei para ele com interesse.

— Ótimo. Nem todas as cicatrizes precisam ser apagadas.

Por um instante, ele me olhou de outra maneira. Com mais atenção, sem a provocação que havia demonstrado antes.

— Foi exatamente por isso que contratei a senhora.

Não consegui determinar se aquilo era um elogio ou apenas uma avaliação objetiva. Gostei do fato de ele não tentar explicar.

Meu celular vibrou no bolso do casaco. Na tela, apareceu uma mensagem da coordenadora do projeto italiano.

Querida Marianna, estamos aguardando sua decisão. Gostaríamos de começar os preparativos para sua chegada.

Bloqueei a tela antes que Wiktor pudesse ver alguma coisa.

— Algo urgente? — perguntou.

— Uma questão profissional.

— Entendo.

Ele disse aquilo com tranquilidade, sem tentar olhar por cima do meu ombro. Fiquei mais grata por essa discrição do que seria razoável sentir em relação a um desconhecido.

Caminhei até a janela. Do outro lado do vidro, pedestres atravessavam apressados a rua molhada, escondendo o rosto nos cachecóis. Eu conhecia Vilnius havia anos, mas sempre a havia tratado como um lugar ao qual vinha para realizar tarefas específicas. Dessa vez, poderia permanecer um pouco mais. Tempo suficiente para me apegar aos pequenos detalhes da rotina, mas definitivamente curto demais para construir qualquer coisa.

— Por que o senhor está fechando o antiquário? — perguntei.

Wiktor se aproximou, mantendo uma distância educada.

— O proprietário do prédio não renovou o contrato. Eu poderia brigar por isso, mas não pretendo gastar todas as minhas economias tentando convencer alguém que já tomou uma decisão.

— O senhor vai encontrar outro lugar.

— Talvez.

— Não parece muito convencido.

— Porque ainda não sei se quero começar tudo de novo.

Virei o rosto em sua direção. Não havia uma tristeza dramática em sua expressão, apenas o cansaço de alguém que havia passado muito tempo tentando manter alguma coisa viva com as próprias mãos. De repente, compreendi por que a caneta preta e o círculo vermelho tinham me irritado tanto. Para mim, o fim de um projeto significava o começo de outro. Para ele, poderia significar a perda do lugar onde havia passado a maior parte da vida adulta.

— Trinta e um dias não é muito tempo — comentei, num tom mais suave.

— É tempo suficiente para uma pessoa se acostumar com alguma coisa.

Ele não estava olhando para o calendário.

Estava olhando para mim.

O som de uma chaleira veio pela porta aberta dos fundos. Wiktor foi o primeiro a desviar o olhar, como se tivesse acabado de se lembrar de algo perfeitamente comum.

— Deixei o café para a senhora. Ainda está quente.

Dessa vez, aceitei a xícara. Nossos dedos não se tocaram, embora, durante um breve instante, os dois segurássemos a porcelana. Ele esboçou um sorriso quase imperceptível e voltou para a mesa.

Abri o caderno numa página em branco. Abaixo da data, anotei a primeira tarefa: Determinar o que realmente vale a pena salvar.

Antes que eu pudesse escrever a seguinte, Wiktor falou, de onde estava, inclinado sobre a pasta aberta:

— Senhora Marianna, a senhora sempre sabe quando é hora de ir embora?

Fiquei imóvel, com a caneta suspensa sobre o papel. Ele não podia saber de Florença. Não fazia ideia de que eu estava contando os dias até uma decisão capaz de mudar toda a minha vida.

Mesmo assim, havia algo naquela pergunta que eu não conseguia ignorar.

— Geralmente sei para onde estou indo — respondi. — Não é exatamente a mesma coisa.

Wiktor ergueu os olhos. Durante um instante, nenhum de nós se moveu.

— E se alguém quisesse que a senhora ficasse? — perguntou baixinho.

Olhei para o círculo vermelho no calendário e depois novamente para ele.

— Nesse caso, eu precisaria saber por quê.

Ele não respondeu. E foi justamente aquele silêncio que fez com que, pela primeira vez desde que recebera a proposta de Florença, eu pensasse não no lugar para onde

pretendia partir, mas no homem que poderia deixar para trás.

Capítulo 1 - Coisas que Não Podem Ser Empacotadas

Wiktor Borecki tinha um talento irritante para dizer coisas que permaneciam na cabeça das pessoas muito depois de uma conversa terminar. Descobri isso logo no primeiro dia, quando, em vez de me concentrar na avaliação do estado da coleção, passei uns bons quinze minutos tentando entender por que ele havia perguntado se eu sempre sabia quando era hora de ir embora.

Eu não pretendia, porém, permitir que reflexões pessoais atrapalhassem meu trabalho. Guardei o celular na bolsa, abri uma ficha de inventário sobre a mesa e pedi acesso ao depósito nos fundos. Precisava verificar as condições de armazenamento dos papéis antes que alguém começasse a transportar os documentos.

Wiktor parou junto à porta.

— Antes, gostaria de deixar uma coisa clara.

— Estou ouvindo.

— Nenhum livro ou gravura sai do antiquário sem o meu conhecimento.

Deixei o lápis de lado.

— Isso é óbvio. Você é o proprietário da coleção.

— Não se trata apenas de propriedade. Não quero que alguém decida que um objeto não merece ser preservado porque sua restauração custa mais do que seu valor de mercado.

Compreendi de onde vinha aquela cautela. O que não me agradou foi a suposição de que eu poderia avaliar objetos históricos levando em consideração apenas seu preço.

— Existe uma diferença entre estabelecer prioridades de conservação e descartar coisas — respondi. — Minha responsabilidade é identificar o que precisa de proteção imediata. A decisão sobre o que fazer depois continua sendo sua.

— Mesmo quando discordarmos?

— Principalmente nesses casos.

Ele me observou em silêncio por alguns instantes. Estava apoiado com um ombro no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito. Havia nele uma tranquilidade quase desconcertante. Não levantava a voz nem tentava dominar a conversa, mas certamente não era um homem que cedia com facilidade.

— Muito bem — respondeu finalmente. — Só não espere que eu trate esses objetos como números numa planilha.

— E você não espere que eu consiga salvá-los apenas com sentimentalismo.

Um sorriso apareceu em seu rosto.

— Tenho a impressão de que vamos trabalhar muito bem juntos.

— Isso ainda não foi comprovado.

— Então temos trinta e um dias para descobrir.

Não respondi. Preferia que ele não percebesse como conseguia me desarmar com tanta facilidade, usando apenas seu tom de voz.

O depósito era consideravelmente maior do que eu imaginava. Depois de um corredor estreito, havia uma sala de teto alto, duas janelas pequenas e armários de madeira que chegavam quase até o teto. Pilhas de volumes encadernados de revistas antigas estavam espalhadas pelo chão. Junto à parede, havia gaveteiros metálicos destinados ao armazenamento de gravuras. Também percebi algumas caixas de papelão colocadas diretamente contra a parede externa.

Aquilo foi suficiente para que eu me esquecesse de Wiktor.

— Precisamos afastar essas caixas imediatamente — avisei.

Ele se aproximou.

— Por quê?

— A parede está fria, e as caixas estão apoiadas no chão. Se a umidade aumentar aqui dentro, o conteúdo poderá sofrer danos. Você faz algum controle de temperatura e umidade neste ambiente?

— Não. Até agora nunca tivemos problemas.

— O fato de um problema não ser visível não significa que ele não exista.

Agachei-me junto à primeira caixa. Não a abri imediatamente. Examinei a superfície do papelão, o fundo e as bordas. Em determinado ponto, percebi uma mancha mais escura.

— Precisamos descobrir o que há aqui dentro.

Wiktor se inclinou sobre mim. Senti o cheiro de sua camisa, fresco e discreto, misturado ao aroma do café.

— Acho que são catálogos antigos de leilões.

— Acha?

— Meu pai guardou coisas aqui durante mais de quarenta anos. Não deixou um mapa detalhado da própria maneira de pensar.

Levantei-me, mantendo uma distância razoável entre nós.

— Então vamos começar por um mapa.

Trabalhamos durante as duas horas seguintes. Wiktor levava as caixas até a mesa, enquanto eu examinava seu conteúdo, atribuía identificações provisórias e separava os objetos que precisavam de proteção. No início, ele observava cada movimento meu com tamanha concentração que parecia temer que eu desmontasse acidentalmente suas lembranças de família. Aos poucos, porém, começou a fazer perguntas. E não eram perguntas superficiais. Queria saber por que determinados tipos de papel resistiam durante décadas praticamente sem alterações, enquanto outros se desfaziam ao menor toque.

Eu gostava de pessoas curiosas. Gostava ainda mais daquelas que sabiam ouvir quando a resposta se revelava complicada.

— Então não podemos simplesmente colocar tudo em pastas novas? — perguntou, enquanto eu lhe mostrava um álbum com páginas manchadas.

— Podemos. Mas uma pasta inadequada pode causar mais danos do que uma antiga. O papel reage aos materiais com os quais permanece em contato durante anos. A estrutura da embalagem e a maneira como ela é armazenada também importam.

— Parece quase uma descrição de um relacionamento.

Ergui as sobrancelhas.

— Como?

— Duas coisas podem parecer ótimas juntas e, mesmo assim, acabar se destruindo lentamente.

Olhei para ele por cima do álbum.

— Você costuma comparar papel com relacionamentos humanos?

— Só quando estou conversando com uma restauradora interessante.

Dessa vez, ele não tentou esconder o sorriso.

Eu deveria ter respondido com alguma observação igualmente descontraída. Em vez disso, percebi que estava procurando as palavras certas durante alguns segundos. Não porque me faltasse experiência em conversar com homens. Simplesmente fazia muito tempo que ninguém flertava comigo de uma maneira que não exigisse uma reação imediata da minha parte.

— Tome cuidado — respondi finalmente. — Alguns materiais são mais resistentes do que parecem.

— Vou me lembrar disso.

Não sabia se ele ainda estava falando de papel.

Pouco antes do meio-dia, encontramos uma caixa de madeira cheia de correspondências. Os envelopes eram de diferentes décadas. Alguns estavam abertos; outros, amarrados com barbante. Wiktor reconheceu a letra do pai em uma das folhas e a colocou de lado.

— Não vamos catalogar isso.

— Preciso pelo menos verificar o estado de conservação.

— São cartas particulares.

— Entendo. Não pretendo lê-las. Posso avaliar o papel e as condições de armazenamento sem conhecer o conteúdo.

— Não.

Ele pronunciou a palavra de maneira inequívoca. Pela primeira vez, sua voz soou realmente dura.

Endireitei as costas.

— Wiktor, se você tem alguma objeção ao alcance do meu trabalho, precisamos esclarecê-la agora. Não posso me responsabilizar pelo estado de uma coleção à qual não tenho acesso.

— Você não precisa se responsabilizar por tudo.

— É justamente isso que estou tentando estabelecer: pelo que sou responsável.

Ele se virou para a janela. A luz pálida que atravessava o vidro destacava os fios grisalhos em suas têmporas. Percebi a tensão na maneira como apertava a borda da caixa com a mão.

— Desculpe — disse depois de algum tempo. — Eu não deveria ter reagido assim.

Não esperava um pedido de desculpas tão direto, sem justificativas.

— Você pode excluir a correspondência particular da minha documentação — respondi. — Mas preciso de uma confirmação de que assume a responsabilidade pelo estado de conservação desses documentos.

Ele se virou para mim.

— Combinado.

— E, por favor, tire a caixa de onde está. A madeira está suja, e os envelopes não deveriam ficar diretamente sobre o fundo dela.

— Vou fazer isso.

Permanecemos em silêncio por alguns instantes.

— Você é muito objetiva — observou.

— Isso é um defeito?

— Ainda não decidi.

— Não tenha pressa. Ainda temos bastante tempo para nos decepcionarmos um com o outro.

Ele riu. Foi uma risada baixa e sincera, completamente diferente dos sorrisos educados de antes. Fiquei surpresa ao perceber o quanto queria ouvi-la novamente.

Durante a tarde, transferimos parte do acervo para a sala principal, onde o ambiente era seco e a temperatura mais estável. Wiktor encontrou uma mesa dobrável, e eu organizei sobre ela os materiais de proteção provisória. Em determinado momento, um senhor de idade, usando um casaco escuro, entrou perguntando por um livro que havia encomendado algumas semanas antes.

Wiktor interrompeu o trabalho sem demonstrar o menor sinal de impaciência.

— Senhor Leon, é claro que me lembro. Por favor, sente-se. Vou buscar.

Ele voltou com um pequeno volume de poesia lituana. O cliente tirou a carteira do bolso, mas Wiktor balançou a cabeça.

— Havíamos combinado outro valor.

— Já faz tanto tempo. O senhor pode aumentar o preço.

— Não tenho intenção de fazer isso.

O homem pareceu visivelmente emocionado. Agradeceu, apertou a mão de Wiktor e saiu segurando o livro contra o peito.

— Você o conhece há muito tempo? — perguntei.

— Há mais de quinze anos. A esposa dele costumava ler esses poemas em voz alta. Ela morreu na primavera. Ele estava procurando essa edição porque os dois tinham um exemplar idêntico.

Olhei para a porta fechada.

— Você poderia ter vendido por um preço maior.

— Poderia.

— Por que não fez isso?

— Porque prometi encontrar o livro para ele. Não prometi lucrar com a saudade que sente.

Ele voltou ao trabalho como se tivesse dito a coisa mais natural do mundo.

Durante o restante da tarde, tornou-se mais difícil manter a indiferença. Wiktor conseguia ser teimoso, às vezes cauteloso demais, e seu apego aos objetos complicava até as decisões mais simples. Ao mesmo tempo, eu percebia que não era um homem que enxergava as necessidades dos outros como obstáculos. Em seu mundo, as coisas tinham importância porque faziam parte da vida de alguém.

Às cinco horas, comecei a organizar minha área de trabalho. Ainda precisava voltar ao apartamento alugado, revisar a documentação e preparar o plano para o dia seguinte. O celular me lembrou do prazo para conversar com o pessoal de Florença. Silenciei a notificação antes que Wiktor se aproximasse.

— Já está terminando?

— Por hoje, sim. Vou preparar a lista de prioridades e amanhã começaremos pelas gravuras.

— Preciso admitir que imaginava essa colaboração de outra maneira.

Fechei minha bolsa.

— Pior?

— Mais tranquila.

Não consegui conter um sorriso.

— Talvez isso aconteça porque ninguém havia lhe dito antes quantas coisas você armazena de maneira inadequada.

— Ninguém nunca me disse tantas coisas num único dia.

— E você sobreviveu.

— Por pouco.

Aproximei-me da mesa para pegar meu caderno. Wiktor ficou do outro lado e colocou uma pequena folha de papel diante de mim.

Havia alguns nomes e datas escritos à mão.

— O que é isso?

— Pessoas que talvez saibam alguma coisa sobre a procedência de parte da coleção. Pensei que poderia ser útil amanhã.

Observei a caligrafia cuidadosa. Ele não precisava ter feito aquilo. Poderia simplesmente deixar mais caixas para mim e esperar que eu descobrisse tudo sozinha.

— Obrigada.

— Não precisa parecer tão surpresa. Sei trabalhar em equipe.

— Sob determinadas condições.

— Todo mundo tem suas condições, Marianna.

Foi a primeira vez que pronunciou meu nome sem nenhum tratamento formal. Soou diferente de quando eu havia me apresentado naquela manhã. Mais tranquilo. Como se ele já tivesse experimentado o som do meu nome e descoberto que gostava de pronunciá-lo.

— Então amanhã vamos colocar todas elas por escrito — respondi.

— Todas?

— As relacionadas ao trabalho.

Uma curiosidade divertida surgiu em seu olhar.

— E as outras?

Parei junto à porta. Sabia que deveria simplesmente desejar uma boa noite e ir embora. Em vez disso, me virei e permiti um sorriso que não pretendia explicar.

— Para as outras, ainda é cedo demais.

Ele me acompanhou até a entrada do antiquário. O fim de tarde em Vilnius tinha cheiro de chuva e de fumaça vinda de chaminés distantes. Do outro lado da rua, as luzes de um pequeno café começavam a se acender. Wiktor fechou a porta, mas ainda não girou a chave.

— Marianna?

Olhei para ele.

— Sim?

— Obrigado por não tentar me convencer hoje de que tudo vai ficar bem.

— Eu não sei se vai.

— Exatamente.

Permanecemos frente a frente por um instante, separados apenas por um degrau. Tive a impressão de que ele poderia dizer alguma coisa importante. Em vez disso, recuou e me desejou uma noite tranquila.

Comecei a caminhar pela rua, sentindo sob os dedos a alça fria da bolsa. Depois de alguns passos, olhei por cima do ombro.

Wiktor continuava parado junto à porta.

Ele ergueu a mão num breve gesto de despedida, e eu correspondi.

Só depois de dobrar a esquina me permiti admitir que havia gostado da maneira como ele me olhara.

No apartamento, uma mensagem de Florença me aguardava, junto com a agenda na qual eu havia registrado cuidadosamente todos os meus compromissos para as semanas seguintes. Sentei-me à mesa, abri o notebook e comecei a preparar a documentação. Durante a primeira meia hora, trabalhei com eficiência. Então percebi que, no campo referente ao estado da coleção, havia escrito uma frase que não tinha absolutamente nada a ver com conservação.

Nem todas as coisas podem ser avaliadas pelo custo de preservá-las.

Fiquei olhando para a tela até finalmente apagar a frase.

Ela não pertencia ao relatório.

Mas, por alguma razão, eu não queria esquecê-la.

Capítulo 2 - Limites Traçados a Lápis

Na manhã seguinte, cheguei ao antiquário com um cronograma preparado, três formulários em branco e a firme determinação de não permitir que Wiktor Borecki desviasse minha atenção do trabalho.

Minha determinação começou a vacilar assim que atravessei a porta.

Sobre a escrivaninha havia duas xícaras, uma sacola de papel de uma padaria e, no centro da mesa, um pequeno buquê de ramos de eucalipto. Não eram flores no sentido romântico. Pareciam mais alguma coisa que alguém havia comprado por acaso, imaginando que ficaria bem num ambiente cheio de livros antigos.

Wiktor surgiu dos fundos carregando uma pasta debaixo do braço.

— Bom dia. Desta vez, o café não é uma tentativa de suborno.

— Então o que é?

— Uma prova de que consigo me lembrar de que ontem você tomou café sem açúcar.

Olhei para a xícara. Era verdade. Não havia açucareiro por perto.

— Essa é uma observação bastante arriscada. Talvez eu só não tenha colocado açúcar porque você esqueceu de servir.

— Nesse caso, teríamos nossa primeira crise séria de colaboração.

Sorri involuntariamente. Ele usava um suéter escuro sobre uma camisa clara. Parecia descansado, embora ainda houvesse sombras discretas sob seus olhos. Percebi que havia dobrado as mangas quase exatamente como no dia anterior.

— Trouxe o plano — anunciei, deixando minha bolsa de lado.

— Parece ameaçador.

— É realista.

— Normalmente isso significa que alguém não vai gostar do conteúdo.

Espalhei os documentos sobre a mesa. Queria que, antes de começarmos a trabalhar, estabelecêssemos regras concretas: responsabilidades, horários, procedimentos para a tomada de decisões e o que fazer caso encontrássemos objetos que exigissem uma intervenção urgente.

Wiktor sentou-se à minha frente e ouviu durante vários minutos sem interromper. Quando terminei, puxou o cronograma para mais perto.

— Vinte dias úteis?

— É o tempo de que precisamos para preparar a coleção para uma transferência segura. Os dias restantes ficam reservados para problemas imprevistos.

— E se encontrarmos alguma coisa que não possa ser concluída dentro do prazo?

— Decidiremos o que pode receber uma proteção provisória e o que exige trabalho adicional. Não pretendo fazer uma restauração de qualquer jeito só porque alguém quer o imóvel de volta.

— Quanto a isso, estamos de acordo.